

“PARÁFRASE DE RONSARD”: UMA POSSÍVEL LEITURA

Rachel do Valle Dettoni (Letras - IL - UFMT)

Se fizermos uma rápida leitura da “Paráfrase de Ronsard”, de Manuel Bandeira, e do soneto “Je vous envoie un bouquet”, de Pierre de Ronsard, somos tentados a dizer que Bandeira não fez muito mais do que produzir uma boa versão, em português, do poema quinhentista de Ronsard. Será isso possível? O que têm em comum esses textos para pensarmos que um não passa de mera reprodução do outro? Tentarei, neste trabalho, discutir um pouco mais sobre esta questão. Mas, antes disso, vamos conhecer os textos citados:

“Paráfrase de Ronsard”⁽¹⁾

*“Foi para vós que ontem colhi, senhora,
Este ramo de flores que ora envio.
Não no houvesse colhido e o vento e o frio
Tê-las-iam crestado antes da aurora.*

*Meditai nesse exemplo, que se agora
Não sei mais do que o vosso outro macio
Rosto nem boca de melhor feitio,
A tudo a idade afeia sem demora.*

*Senhora, o tempo foge... o tempo foge...
Com pouco morreremos e amanhã
Já não seremos o que somos hoje...*

*Por que é que o vosso coração hesita?
O tempo foge... A vida é breve e é vã...
Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.”*

“Je vous envoie un bouquet...”⁽²⁾

*Je vous envoie un bouquet que ma main
Vient de trier de ces fleurs épanies;
Qui ne les eût à cé vêpre cueillies,
chutes à terre elles fussent demain.*

*Cela vous soit un exemple certain
Que vos beautés, bien qu'elles soient fleuries,
En peu de temps cherront toutes flétries,
Et comme fleurs, périront tout soudain.*

*Le temps s'en va, le temps s'en va, ma dame;
Las! le temps, non, mais nous nous en allons,
Et tôt serons étendus sous la lame;*

*Et des amours desquelles nous parlons,
Quand serons morts, n'en sera plus nouvelle.
Pour c'aimez-moi cependant qu'êtes belle."*

Pierre de Ronsard (1524 - 1585) foi um autor quinhentista francês, chamado de "Príncipe dos Poetas" por seus contemporâneos. Após receber uma formação clássica no Collège de Coqueret, revelou-se fortemente atraído pelos poetas gregos e a exemplo de muitos deles considerava a poesia um sacerdócio. Além de muitas odes e hinos, deixou uma coleção de sonetos à moda petrarquista, onde exaltava, com freqüência, a beleza da mulher amada comparando-a com a beleza efêmera da rosa, um de seus motivos preferidos. O tema epicurista, um lugar-comum entre os antigos e os renascentistas, também se faz presente nos textos de Ronsard, conforme veremos a seguir.

"Paráfrase de Ronsard" é um poema que compõe **A Cinza das Horas**, conjunto das primeiras poesias de Bandeira com a presença marcante de temas como a morte e o desalento. Vítima de uma tuberculose, Bandeira escreveu, certamente, os poemas de **A Cinza das Horas** sob o signo da desesperança, o que explica o gosto por temas daquela natureza. A presença de dados autobiográficos bem como uma certa ironia a respeito de seu próprio destino caracterizam grande parte da poesia de Bandeira. É possível que a escolha de um tema epicurista permaneça subjacente essa intenção de ironizar a própria sorte.

Bandeira intitulou seu poema de paráfrase. Isso induz, de um certo modo, o olhar do leitor para esse aspecto. Mas, na leitura que faço dos sonetos em estudo, não vejo na "Paráfrase de Ronsard" apenas uma mera versão de "Je vous envoie un bouquet", mas sim um outro texto, com a mesma temática, que Bandeira enriqueceu com recursos que não estão presentes em Ronsard. Na verdade, será necessário falar um pouco sobre o conceito de paráfrase.

Affonso Romano de Sant'Anna esclarece que, no grego, paráfrase significava “continuidade ou repetição de uma sentença”⁽³⁾. O mesmo autor nos diz, citando Beckson & Granz, que paráfrase “é a reafirmação, em palavras diferentes, do mesmo sentido de uma obra escrita”⁽⁴⁾, ou ainda: “mais do que um efeito retórico e estilístico ela é um efeito ideológico de continuidade de um pensamento, fé ou procedimento estético”⁽⁵⁾.

A paráfrase sempre esteve vinculada à noção de reprodução ou cópia, conceitos muitas vezes marcados por uma conotação pejorativa. Mas é possível parafrasear sem cair pura e simplesmente na mesmice, trazendo algo novo, ampliando ou modificando o discurso que está sendo retomado.

Se Bandeira, na “Paráfrase de Ronsard”, faz isso ou não é o que estou tentando avaliar. Para tanto, passo a expor uma possível leitura dos textos citados partindo de algumas comparações entre eles.

Trata-se de uma temática lírico-amorosa que faz lembrar, em parte, o amor cortês da cantiga medieval, acrescida de um sentimento epicurista que evoca a necessidade de desfrutar o prazer do momento presente em função da fugacidade do tempo, da brevidade da vida e da morte inevitável.

O tempo, aspecto marcante vinculado à idéia nuclear da temática, é constantemente retomado nos dois sonetos através: 1 - do uso frequente de expressões adverbiais de tempo, tais como “ontem”, “ora”, “antes da aurora”, “agora”, “sem demora”, “amanhã”, “hoje”, “já” em Bandeira, e “à ce vèpre”, “demain”, “en peu de temps”, “tout soudain”, “tôt” em Ronsard; 2 - da presença explícita do substantivo **tempo** como sujeito da oração que constitui, nos dois sonetos, o primeiro verso do primeiro terceto, que são, em Bandeira e em Ronsard, respectivamente “Senhora, o tempo foge... o tempo foge...” e “Le temps s'en va, le temps s'en va, ma dame;”; 3 - da referência feita à ação do tempo, fenômeno da natureza, sobre a vida, conforme ilustram as passagens abaixo:

*“Não no houvesse colhido e o vento e o frio
Tê-las-iam crestado antes da aurora.
(...)”*

*Rosto nem boca de melhor feitio,
A tudo a idade afeia sem demora.”*

(MB)

“Que vos beautés, bien qu'elles soient fleuries

En peu de temps cherront toutes flétries
(...)
Las! Le temps, non, mais nous nous en allons,
Et tôt serons étendus sous la lame."

(RO)

Nos exemplos acima, vemos em Bandeira os elementos "vento" e "frio" como agentes do tempo, ali expresso no sentido meteorológico, e, nos versos seguintes, a referência ao tempo cronológico marcado pelo uso de "idade". Em Ronsard, a rima entre "fleuries" (floridas) e "flétries" (murchas) constrói a antítese que marca os momentos opostos do ciclo de existência das flores devido à ação do tempo.

Outro ponto comum é a presença da metáfora da flor como símbolo da beleza, da feminilidade, do amor, da conquista, mas também do efêmero, do fugaz, do impermanente. A flor é utilizada pelos poetas para exemplificar ao interlocutor, a mulher amada, que é preciso aproveitar a vida, não deixar para depois, afinal "o tempo foge...", "le temps s'en va...". Em Ronsard, sua presença é mais fortemente marcada pelo uso frequente de expressões lexicais cujo campo semântico tem relação com **flor**: "un bouquet" (1º verso), "fleurs épanies" (2º verso), "fleuries" (6º verso), "flétries" (7º verso), o próprio substantivo "fleurs" (8º verso), sendo ainda retomada pelos anafóricos "les" e "elles" no terceiro e quarto verso respectivamente. Em Bandeira, a expressão **flor** aparece explícita uma única vez em "este ramo de flores" (2º verso) e se faz ainda presente nos dois versos subseqüentes pela referência dos anafóricos "no" e "las".

Este uso da metáfora da flor associado ao tema epicurista parece ocorrer, na poesia, com uma certa freqüência. Veja-se, por exemplo, esta passagem do soneto "A Maria dos Povos, sua futura Esposa", de Gregório de Matos⁽⁶⁾.

"Discreta e formosíssima Maria,
(...)

Goza, goza da flor da mocidade,
Que o tempo troca a toda a ligeireza,
E imprime a cada flor sua pisada.

Oh não aguardes que a madura idade

*Te converta essa flor, essa beleza,
Em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada.”*

Encontramos aí os mesmos elementos presentes em Ronsard e Bandeira: a flor representando a beleza efêmera “que o tempo troca, a toda a ligeireza”; a idéia da morte, do fim, sugeridos pela gradação “em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada”; as expressões imperativas “goza” e “não aguardes” indicando um conselho, mas não um apelo ou uma solicitação como ocorre nos outros dois textos, pois neste último o poeta não se inclui como o fazem Ronsard (“aimez-moi”) e Bandeira (“amai-me”).

No primeiro terceto dos dois sonetos em estudo, há um tom melancólico devido à referência da morte:

*“Senhora, o tempo foge... o tempo foge...
Com pouco morreremos e amanhã
Já não seremos o que somos hoje...”*

(MB)

*“Le temps s'en va, le temps s'en va, ma dame;
Las! le temps, non, mais nous nous en allons,
Et tôt serons étendus sous la lame;”*

(RO)

Os exemplos acima, que evidenciam a incapacidade do ser de deter o tempo que passa, lembram uma passagem de “Le Lac”, de Lamartine, em que Elvire, a mulher amada, se faz presente no texto e dialoga com o tempo, pedindo para que ele pare de correr:

*“O Temps, suspends ton vol! et vous, heures propices,
Suspendez votre cours!
Laissez nous savourer les rapides délices
De plus beaux de nos jours!”⁽⁷⁾*

Nota-se, na passagem acima, a expressão do desejo de deter o tempo para “saborear” as delícias dos melhores momentos, retomando a mesma temática dos textos em estudo.

Há ainda em Ronsard e Bandeira um elemento coincidente que deve ser mencionado. Trata-se dos vocativos “ma dame” e “senhora” presentes, nos dois textos, no primeiro verso do primeiro terceto e no primeiro verso do poema, em Bandeira. Ambos são

formas da norma culta características do registro formal, usadas comumente em situações de pouca intimidade entre os interlocutores e que, por isto mesmo, contrastam com o tipo de convite que está sendo feito. Além disso, retomam as cantigas de amor medievais em que o distanciamento entre a mulher amada e seu pretendente era sempre mantido para não macular a imagem virginal da mulher idealizada, bem como para reforçar a idéia de que a concretização de seu amor era impossível.

Gostaria de falar um pouco mais sobre alguns aspectos do texto de Bandeira que não se encontram no de Ronsard.

Nas duas últimas estrofes da “Paráfrase de Ronsard”, as reticências aparecem com frequência, sugerindo continuidade, imprecisão. Sua presença ora no meio, ora no fim dos versos causa a impressão de algo que foge ao controle, que escapa:

“Senhora, o tempo foge... o tempo foge...

(...)

Já não seremos o que somos hoje...

(...)

O tempo foge... A vida é breve e é vã...

Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.”

(MB)

Em “A vida é breve e é vã...” a aliteração presente sugere a idéia de ligeireza, rapidez. Mas, pergunta-se: por que Bandeira teria escolhido afirmar que a vida é vã? Por que se recusava a ver algum sentido na vida? Acredito ser esse o verso em que a emoção do poeta se apresenta de forma mais intensa. Sentimentos variados estão sugeridos em “O tempo foge... A vida é breve e é vã...” O verso está estruturado por duas afirmações justapostas. O poeta faz uma constatação. Parece não haver outra saída. Há tristeza e melancolia, às vezes, indiferença, nenhuma perspectiva de alteração do que foi constatando. Há ironia em “A vida é breve e é vã”. De fato, a vida parece ter perdido muito do seu sentido para Bandeira conforme atestam os versos da “Epígrafe” de **A Cinza das Horas**⁽⁸⁾:

“Sou bem-nascido. Menino,

Fui, como os demais, feliz,

Depois, veio o mau destino

E fez de mim o que quis.”

Ou ainda os de “Desencanto”(9):

*“Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
(...)”*

*E nestes versos de angústia rouca
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.*

— *Eu faço versos como quem morre”*

Um outro ponto interessante é a metonímia do primeiro verso do segundo terceto “Por que é que o vosso coração hesita?”. Neste verso, o poeta atribui ao coração, muito mais relacionado ao sentimento e à emoção, ao ato de hesitar, que indica uma atitude própria da razão. Se aceitamos que a hesitação pode ser o impedimento criado pela razão para que não se concretize o desejo do coração, não poderia se constituir esse verso, ou melhor, essa forma de interrogar num recurso sutil de persuasão? Afinal, o texto todo é um conjunto de exemplos e argumentos que se resumem no “Por isso” do último verso acompanhado do apelo final, expresso pelo imperativo “amai-me”, em que o poeta declara abertamente seu desejo:

“Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.”

(MB)

Voltando à questão inicial deste trabalho, suponho ter ficado claro o porquê de Bandeira ter chamado seu poema de “Paráfrase de Ronsard”. Não há como negar em seu texto uma retomada do texto deste último. São idênticos na forma, pois ambos são sonetos clássicos com versos decassílabos. Tratam a mesma temática com enfoque semelhante. Há muita identidade nos versos que constituem a chave de ouro:

“Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.”

(MB)

“Pour c'aimez-moi cependant qu'êtes belle.”

(RO)

Lembrando os conceitos de paráfrase expostos no início deste trabalho, o texto de Bandeira representa assim uma continuidade do pensamento de Ronsard. É paráfrase, mas não se trata de mera reprodução. Trata-se muito mais de intertextualidade. Recorro mais uma vez a Affonso Romano de Sant'Anna para concordar com ele quando diz que “falar de paráfrase é falar de intertextualidade das semelhanças”⁽¹⁰⁾. Semelhante ainda àqueles dois é o texto citado (também soneto) de Gregório de Matos. Nele há também intertextualidade, há paráfrase. Se a nível temático e formal não há originalidade em Bandeira, o mesmo se pode dizer do texto de Gregório e, porque não, do de Ronsard? Estudioso dos clássicos, Ronsard encantou-se com os gregos, sobretudo Anacreonte, de quem recebeu muita influência. Já comentei anteriormente que o tema epicurista, o cultivo da filosofia do “carpe diem” era comum entre os clássicos. Por isso, vale dizer que se outras vozes perpassam o texto de Bandeira, tantas outras, certamente, perpassam o de Ronsard, de tal maneira que o discurso do primeiro é também o deste último que, por sua vez, não é o dele mesmo, já que “a paráfrase é um discurso sem voz, pois quem está falando está falando o que o outro já disse”⁽¹¹⁾. A esse respeito, faço uma pequena observação: concordo que outras vozes falam no texto de Bandeira, mas reconheço nele, além das outras, a sua própria voz manifestando-se sutilmente nos aspectos já comentados que quem o conhece sabe identificar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) BANDEIRA, Manuel. **Estrela da Vida Inteira**. 6ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976, p.25.
- (2) RONSARD, Pierre de. In: LAGARD, A. & MICHARD, L. **XVI Siècle: Les Grands Auteurs Français du Programme**. Paris, Bordas, 1970.
- (3) SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. São Paulo, Atica, 1985, p. 17
- (4) SANT'ANNA, Affonso Romano de. Op. cit. p.17.
- (5) SANT'ANNA, Affonso Romano de. Op. cit. p. 21/22.
- (6) MATOS Gregório de. In: MOISÉS, M. **A Literatura Brasileira Através dos Textos**. 12ª ed. São Paulo, Cultrix, p. 40.
- (7) LAMARTINE, Alphonse de. In: LAGARDE, A. e MICHARD, L. **XIX Siècle: Les Grands Auteurs Français du Programme**. Paris, Bordas, 1970, p. 89.
- (8) BANDEIRA, Manuel. Op. Cit. p. 3.
- (9) BANDEIRA, Manuel. Op. Cit. p. 4.
- (10) SANT'ANNA, Affonso Romano de. Op. cit. p. 28.
- (11) SANT'ANNA, Affonso Romano de. Op. cit. p. 29.